

ROTA 66: PROPOSIÇÃO DE UM PERCURSO TURÍSTICO PELA CENA HEAVY METAL BELO-HORIZONTINA

Route 66: proposing a touristic journey through the heavy metal scene in Belo Horizonte

Gleyber Eustáquio Calaça Silva

Doutorando em Geografia pela PUC Minas e Bolsista CAPES, Brasil.

gleyber3001@gmail.com

Sabrina Elis Cândido Gonçalves

Mestra em Geografia pela PUC Minas, Brasil.

sabrinaelis46@gmail.com

Gleyson Eustáquio Calaça Silva

Graduando em Engenharia de Transportes pelo CEFET MG, Brasil.

gleyseustaquio1@gmail.com

Patrícia Rodarte Silva Gomes Coelho

Doutora em Linguagens e Tecnologias pelo CEFET MG, Brasil.

patriciarodarte1@hotmail.com

Rodrigo Corrêa Teixeira

Doutor em Geografia pela UFMG. Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Relações Internacionais da PUC Minas, Brasil.

rteixeira@pucminas.br

Recebido: 05.12.2023

Aceito: 08.03.2024

Resumo

Este artigo integra o crescente debate acerca da Geografia da Música enquanto tema de interesse da Geografia Cultural, discutindo possibilidades turísticas a partir dos signos musicais da cena Heavy Metal de Belo Horizonte. Para tal, buscou-se respaldo teórico nos conceitos de turismo urbano, território e paisagem sonora, organizando também um estado da arte das publicações sobre o fenômeno estudado. Metodologicamente, usou-se de consultas exaustivas no empenho da netnografia para buscar representações dos pontos estimados pelos adeptos da cultura headbanger, estes, cartografados e compartilhados enquanto atração turística em uma aplicação de webgis simplificado validada em sua viabilidade por trabalho de campo. Os resultados indicam que o underground belo-horizontino é permeado de locais emblemáticos a partir do modo que as sonoridades são vivenciadas na cidade, construindo ativamente territórios e paisagens sonoras, dentre as quais algumas receberam notoriedade nacional e até mesmo mundial.

Palavras-chave: Cena Musical, Turismo, Território, Paisagem sonora, Heavy Metal.

Abstract

This article is part of the growing debate about the Geography of Music as a topic of interest in Cultural Geography, discussing tourist possibilities based on the musical signs of the Heavy Metal scene in Belo Horizonte. To this end, theoretical support was sought in the concepts of urban tourism, territory, and soundscape, as well as in organizing state-of-the-art publications on the phenomenon studied. Methodologically, exhaustive

consultations were used in the effort of netnography to seek representations of the points estimated by followers of the headbanger culture, and these were mapped and shared as a tourist attraction in a simplified web gis application validated in its viability through fieldwork. The results indicate that the Belo Horizonte underground is permeated with emblematic locations based on how sounds are experienced in the city, actively building territories and soundscapes, among which some have received national and even global notoriety.

Keywords: Music Scene, Tourism, Territory, Soundscape, Heavy Metal.

1. INTRODUÇÃO

Uma cena musical pode ser definida concisamente a partir de Straw (2006, p. 7) como “específicos espaços geográficos para a articulação de múltiplas práticas musicais”. Estes espaços materializam a sociabilidade de grupos culturais que possuem seu fator de coesão em preferências musicais individualizadas enquanto sujeito e partilhadas enquanto membro de uma coletividade, fomentando a ativa construção de territórios e paisagens sonoras. Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, engendra-se uma cidade efervescente no quesito musical, havendo, dentre os gêneros de proeminência na cidade, uma reconhecida cena headbanger, termo que designa o adepto do gênero musical Heavy Metal.

A vocação de Belo Horizonte para o Heavy Metal é expressa pelas 320 bandas formadas na cidade (Encyclopaedia Metallum, 2023), sem eximir a possibilidade de haver outros grupos conterrâneos ainda não catalogados. A primeira banda que se tem registro remete ao Sagrado Inferno, surgido no ano de 1982. Desde então, com mais de quarenta anos de cena headbanger, a cidade notabilizou-se mundialmente por ser celeiro de grupos que alcançaram renome devido à sua sonoridade única, permeada de imbricações das vivências dos músicos na incipiente metrópole belo-horizontina, à exemplo do Sepultura e do Sarcófago. A circulação desta numerosa horda de headbangers criou no imaginário dos signatários alóctones o desejo de conhecer consagrados espaços que, enquanto local de memória, possuem grande relevância para a cidade conhecida como a capital do Heavy Metal brasileiro. Desta forma, assumindo a premissa que muitos headbangers gostariam de transitar pelos marcos geográficos da cena Heavy Metal belo-horizontina, constitui-se o objetivo geral desta pesquisa formular uma proposta de roteiro turístico na referida cena musical, valorando locais importantes no construto territorial da cena, tanto do passado quanto do presente. Os objetivos específicos almejam:

- a) realizar um estado da arte sobre publicações, de diferentes áreas do conhecimento, que abordam territorialmente a cena headbanger de Belo Horizonte;
- b) Catalogar e analisar a paisagem sonora retratada nas capas de discos das bandas belo-horizontinas;
- c) levantar os logradouros de eventos musicais contemporâneos que oportunizam mais shows do gênero, em termos quantitativos;
- d) Propor, de modo exploratório, um roteiro turístico pela cena Heavy Metal local, representando-o em uma aplicação de *webgis* simplificado.

A proposta de roteiros turísticos musicais é difundida amplamente por municípios e estados que ostentam algum atrativo singular, muitas vezes até comercializados por agências de turismo. Citando alguns exemplos que tangenciam o Heavy Metal pode-se falar do Roteiro do Blues nos Estados Unidos, percorrendo de Nashville a New Orleans os locais emblemáticos da formação do gênero basilar do Metal, com uma escala regional em seu trajeto. Ainda nos EUA, na dimensão local, consta o prédio da 96-98 da *St. Mark's Place* (East Village, Manhattan), por ter sido capa do álbum "*Physical Graffiti*" (1975) da renomada banda britânica Led Zeppelin. E, talvez o maior exemplo, a faixa de pedestres atravessada por John Lennon, Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr, imortalizada na capa do álbum "*Abbey Road*" (Beatles, 1969), localizada na rua homônima do disco e do estúdio onde o álbum foi gravado, em Londres, Reino Unido. Exemplos nacionais também podem ser citados, como a rota turística do Rock de Brasília, decretada pela Secretaria do Turismo do Distrito Federal e, em Belo Horizonte, a rota do Clube da Esquina, que caminha por locais de relevo na biografia conjunta de Milton Nascimento, Flávio Venturini, Lô Borges, Beto Guedes e companhia.

Estima-se que a demanda por um roteiro turístico headbanger seja de interesse dos próprios membros belo-horizontinos, considerando o orgulho que se tem da cena local ser enaltecida mundo afora. Em uma empreitada pioneira, o canal independente Heavy Metal Online (2022) percorreu alguns pontos de Belo Horizonte reconhecendo-os como pontos turísticos do Heavy Metal, entretanto, carecem iniciativas acadêmicas que subsidiem a criação de uma rota precisamente estruturada e avaliada por grau de relevância destes e outros logradouros que possam levar ao turismo headbanger. Logrando preencher esta lacuna, o texto estrutura-se em quatro seções, além de considerações finais e referências. Parte-se de uma revisão conceitual para a pesquisa, abordando o território, a paisagem sonora e o turismo; em seguida há o percurso metodológico da pesquisa, com as etapas principais da investigação; a proposta exploratória do roteiro criado,

descrevendo seus locais e conexões possíveis; e, por último, a divulgação por meio da geovisualização e uma avaliação técnica da exequibilidade do roteiro e do percurso via o transporte público.

2. REVISITANDO ALGUNS CONCEITOS IMPORTANTES: TERRITÓRIO, PAISAGEM SONORA E TURISMO

No amplo arcabouço epistemológico da Geografia, esta pesquisa insere-se na Geografia da Música, subárea da Geografia Cultural. Trata-se de um campo emergente que entende haver nos sons e na música diálogos possíveis com a Geografia, a medida que levam a experiências vividas espaço-sonoramente (Dozena, 2016, p. 8). Assim, esta seção apresenta brevemente os pressupostos teóricos do trabalho, partindo da conceituação do território e da paisagem sonora estabelecendo um laço comunicativo com o turismo em sua condição urbana.

O território é um dos conceitos mais adotados na ciência geográfica, sendo subsídio para entender diferentes realidades e fenômenos multiescalares. Nesta pesquisa, sua aplicabilidade aproxima-se da dimensão microterritorial lembrada por Heidrich (2013), referindo-se a espaços apropriados por grupos urbanos que disputam o direito à cidade, atribuindo valor e significado a pontos específicos da metrópole, onde a territorialidade (coesão grupal) é materializada na construção de territórios. Portanto, a ocupação de determinados pontos é desenvolvida no bojo de práticas culturais, onde “o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido” (Haesbaert, 2021, p. 40). Tem-se então o território como fator elementar de existência e autonomia de um grupo (Souza, 1995, p. 108).

Na dimensão musical, o território, com prevalência de reflexão da Escola Francesa, vem sendo usado como um “geoindicador, um elemento de descrição e decifração de realidades socioespaciais” (Raibaud, 2021, p. 237), postulando-se como alternativa à primazia imagética na Geografia. Assume-se, portanto, que a música também produz espaço, pois enreda práticas geografizantes, as quais, dispostas em rede, podem definir uma cena musical. De acordo com Vasconcellos (2011, p. 133) “cada cena possui uma ordem espacial, isto é, um modo particular de conjugar e arranjar os objetos e as ações propostas” que demandam um “casamento entre as práticas sociais que o grupo valoriza e uma organização material que dê sentido a essas ações”. Com isto, a disposição em rede de equipamentos não contíguos na cidade, mas reconhecidos pelos seguidores de determinada cultura engendrada musicalmente, formula territórios com diferentes funções

(e.g.: lojas, casas de shows, espaços públicos, bares, dentre outros) como lembra Calaça (2021). Portanto, “a música é um elemento para compreender a identidade territorial, as políticas culturais e as territorializações permanentes ou efêmeras” (Panitz, 2021, p. 24), produzindo verdadeiros lugares e paisagens sonoras.

Baseada nas proposições de Schafer (2001), a paisagem sonora (*soundscape*) era compreendida como sinônimo de ambiente sonoro, seja ele natural (e.g.: sons de vulcões, ventos, geleiras, cursos d’água, dentre outros) ou antropizado (e.g.: os sons da cidade). Na aproximação com a Geografia, logra-se assumir a capacidade de interpretação cognitiva das vibrações, entendendo que som é onda propagada no espaço (Torres, 2019, p. 144), como mais um elemento de leitura da paisagem. A decodificação de sons, assim como o simbolismo encontrado em músicas, atravessa a percepção do indivíduo e pode, também, configurar “valores construídos na comunidade ao longo do tempo” (Torres, 2019, p. 146), exaltando memórias coletivas.

O estudo da cultura e da paisagem pautado na paisagem sonora, possível por meio de uma abordagem geográfica humanista-cultural, traz à luz as preocupações com a compreensão de como o indivíduo e o coletivo constroem e concebem o espaço. A paisagem sonora é, dessa forma, apreendida e ao mesmo tempo transformada, diferentemente em cada localidade, em cada grupo, em cada cultura. (Torres e Kozel, 2010, p. 128)

Esta dimensão dialética da paisagem sonora é corroborada por Furlanetto (2016, p. 363), inferindo que ela “pode ser entendida, poeticamente, como uma polifonia modulante: entre os tons e os sons da razão e da emoção, o homem se relaciona com seu mundo, modelando-o e sendo por ele modelado”, onde a música é mediadora de identidades e se coloca agente simbólico na vida social, criando heterotopias e topofilias sonoras, imprescindíveis para a elevação de uma cena musical. Atribui-se, conseqüentemente, o território como os locais apropriados pela cultura headbanger em Belo Horizonte e a paisagem sonora como os significados acústicos destes locais, sobretudo na atmosfera criada em shows e na estereofonia das gravações que emanam signos nas letras das composições, nos compassos das músicas e nas respectivas capas dos álbuns.

Considerando a projeção sonoro-espacial nacional e internacional da cena Heavy Metal belo-horizontina, estima-se que muitos headbangers de outras localidades gostariam de visitar os logradouros mais significativos do underground mais estrondoso (em acepção bivalente, dos ruídos e da notoriedade) do Brasil, fomentando agendas turísticas. O turismo, segundo Paiva (2013), é uma atividade abrangente que envolve práticas sociais no espaço geográfico, sendo este o fator principal da segmentação da

atividade turística, fruto, sobretudo, do ambiente econômico, político e cultural-ideológico que se insere. Isso significa que a “atividade turística é determinada pelas características específicas dos lugares a serem produzidos e consumidos.” (Paiva, 2013, p. 135). Ainda conforme o autor, as diferentes características manifestadas em cada espaço são determinantes para classificar os tipos de práticas de turismo, por exemplo: turismo rural, turismo urbano, turismo cultural, turismo religioso, entre outros.

Sendo o foco central desta pesquisa tratar-se de um grupo enraizado no espaço urbano, faz-se importante destacar o turismo urbano. Caracteriza-se pelo exercício da atividade turística nos limites do espaço urbano de uma cidade, a qual, para além da paisagem abarcada pela visão, oferta, igualmente, a paisagem apreendida pelos demais sentidos humanos, como os cheiros e sons, além de possibilitar ao turista vivências e experiências culturais e sociais. Conforme Pearce (2001), os ambientes urbanos são dotados de uma alta densidade de infraestrutura, de funções e de pessoas, garantindo a constituição de uma heterogeneidade cultural e convergindo diversos atores sociais, por ora, devido a sua centralidade a nível regional e interurbano. Neste contexto, a cidade é palco de múltiplas funções, geralmente desempenhadas simultaneamente, tais quais *locus* de reprodução do capitalismo, receptor e expedidor de suas atividades recorrentes, desenvolvedor de cultura, ponto de encontro e destino de vários grupos sociais.

Ashworth (2013) explica que, ao turista poder escolher por diferentes atrativos turísticos a serem visitados, fica evidente as diferentes urbes dentro de uma mesma cidade, a tornando uma cidade turística. Aldrigui (2017), diz que o turismo é uma das muitas funções exercidas pelas cidades, neste espaço, os residentes e turistas irão coexistir, porém, com finalidades dicotômicas entre eles. Se para um residente a cidade é usufruída como espaço de manutenção da sua vida social, para o turista a cidade é experimentada como espaço de histórias, de espetáculos, compras, eventos noturnos, entre outros. A cidade, portanto, é um expressivo espaço turístico por substancializar os processos sócio-históricos decorrentes da urbanização, que geraram em sua paisagem e território atrativos turísticos que fazem a cidade exercer sua condição de centralidade. Por fim, como destacado por Ashworth (2013), não se pode minimizar o papel de atração exercido pelas cidades, cooperando para a fluidez da atividade turística e garantindo estruturas básicas para o indivíduo exercer sua condição de turista, tais como a variedade de serviços de hospedagens, alimentação e serviços de transporte.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa, de cunho exploratório, possui diferentes fontes de dados. Esta seção descreve o processo de coleta e tratamento destas fontes que culminaram na proposição do roteiro turístico do Heavy Metal de Belo Horizonte, nas etapas sintetizadas na figura 1.

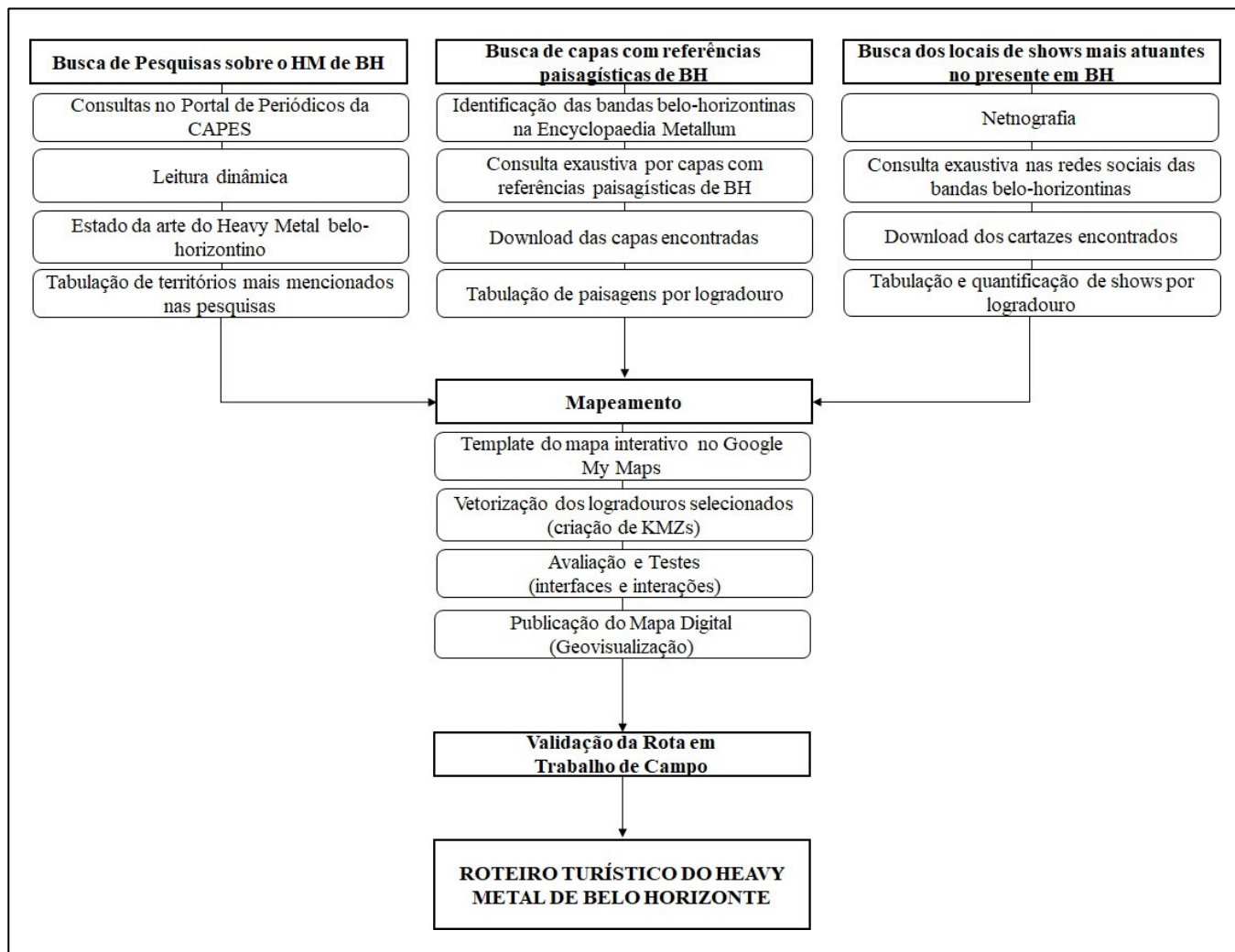


Figura 1 – Fluxograma resumido do percurso metodológico da pesquisa.

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

O primeiro passo para o construto de um roteiro turístico é conhecer os locais que podem servir de atrativo para o público que formará o sector de visitantes. Desta forma, tendo em consideração o aspecto underground do Heavy Metal belo-horizontino, recorreu-se a estudos precedentes que trataram a cena na sua dimensão espacial, acessados por meio de consultas no Portal de Periódicos da CAPES. As pesquisas encontradas foram verificadas por leituras dinâmicas, indicando aquelas que deveriam ser selecionadas para a tabulação dos locais estimados da cena. Entre livros, artigos, anais, dissertações e teses foram selecionadas quatorze pesquisas, de diferentes áreas do

conhecimento. Para o local ser adicionado ao roteiro considerou-se aqueles lembrados em pelo menos três pesquisas, elencadas adiante no quadro 1 que discorre sobre a contribuição destes estudos na seleção dos locais estimados pelos headbangers.

Quadro 1: Pesquisas sobre a cena Heavy Metal belo-horizontina.

Autor(es)	Modalidade, ano	Principais contribuições para o presente artigo
Avelar	Artigo, 2011	Interface espacial e política do Heavy Metal com o Clube da Esquina em BH.
Janotti Jr	Artigo, 2014	Articulação do local com o global a partir de bandas de renome, em especial o Sepultura.
Coelho	Dissertação, 2014	Educação estética promovida em locais de encontro da cena.
Monteiro	Tese, 2015	Construção histórica da cena headbanger a partir da urbanização e aspectos sociais de Minas Gerais.
Calaça, Nascimento, Diniz	Artigo, 2018	Cartografia da cena nos anos 1980 com abordagem territorial.
Coelho	Tese, 2020	Aspectos identitários do sujeito moldados por encontros em locais consagrados da cena.
Nascimento, Calaça, Diniz, Calvo	Artigo, 2020	Construção histórica da cena headbanger a partir dos equipamentos urbanos e aspectos sociais de BH.
Calaça	Dissertação, 2021	Cartografia da cena nos anos 1990 e 2000 com abordagem territorial.
Alecrim	Anais, 2021	Trajetória formativa da banda Sepultura em seus discos lançados pela Cogumelo.
Correa, Carvalho	Artigo, 2022	Relevância da loja/selo Cogumelo para o construto da cena.
Rodrigues	Tese, 2023	Exercício de uma espiritualidade não religiosa em locais de relevo para a cena.
Rodrigues	Artigo, 2023	A cidade e a memória de locais da cena na construção de uma espiritualidade não religiosa headbanger.
Calaça	Artigo, 2023	Desterritorialidade e reterritorialidade dos locais de shows.
Faria Neto, Pereira	Livro, 2023	Catálogo histórico sobre a atuação da Cogumelo Records.

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

A segunda parte do levantamento de locais de relevo para a cena deu-se com buscas exaustivas na plataforma colaborativa Encyclopaedia Metallum. Trata-se de um *site*, com alimentação dos dados suscitada pelos usuários, que pretende catalogar bandas de Heavy Metal de todo o mundo. Fundado em 2002 por dois canadenses cujos pseudônimos são *Hellblazer* e *Morrigan*, a plataforma conta com aproximadamente 170 mil bandas (consulta feita em setembro de 2023). Para cada banda cadastrada, preenche-se informações complementares como membros, logo, período de atividade, subgênero que se identificam, discografia completa e município de origem, estas duas últimas de suma importância para a pesquisa. Assim, foi exequível angariar capas de discos que adotaram a paisagem de Belo Horizonte para compor suas obras, sendo selecionadas aquelas que retratam monumentos específicos da cidade, vasculhadas dentre os quase 1100 materiais lançados por bandas do município.

Encerra o levantamento de dados os locais de shows mais relevantes para a cena no presente, entendendo que quem interessa-se pelo turismo headbanger também possui apreço por eventos do underground. Nesta etapa, de posse dos nomes das 320 bandas belo-horizontinas dispostas na Encyclopaedia Metallum, foi empenhada uma netnografia nas redes sociais (Facebook e Instagram) das respectivas bandas, buscando cartazes de shows ocorridos ao longo de 2023, tendo como data limite o momento de escrita desse texto (de setembro à novembro de 2023). A netnografia, revela Kozinets (2014), é um método de pesquisa que considera a realização de práticas culturais em ambiente digital, à exemplo da divulgação dos shows de Heavy Metal. Assim, chegou-se às quatro casas de eventos que cotidianamente abrigam os ritos sonoros da cena.

Uma vez realizadas as três etapas iniciais, os locais selecionados foram submetidos a uma série de questões fundamentais: o local possui alguma relevância, histórica ou contemporânea, para o mantimento da cena?; No caso de importância histórica, o logradouro conserva a mesma atividade atualmente?; Há impedimentos para o acesso público ao local?; Existem, dentre os locais selecionados, territórios que são singulares para uma fração da cena, não pertencendo a sua coletividade?; E, por fim, os locais são próximos uns dos outros de modo a serem percorridos a pé ou em pequenos trajetos viabilizados pelo transporte público da capital mineira?

Os locais que passaram pelo crivo das perguntas acima foram georreferenciados em uma aplicação de *webgis* simplificado junto ao *Google My Maps*, subsidiária da *Google* que permite o compartilhamento de mapas criativos. Postula-se assim a geovisualização, que conforme Laudares (2014) é uma importante ferramenta na democratização do

acesso à informação geográfica. Em suma, a aplicação é composta cartograficamente pela implantação pontual para os locais de visitação e pela implantação linear para os vetores de deslocamento sugeridos entre os atrativos. Uma vez feito o protótipo, a rota foi testada em um trabalho de campo que validou sua realização, proporcionando pequenos ajustes para a publicação final do roteiro. A geovisualização aplicada constitui-se o principal produto da pesquisa, estando o mapa digital receptível a livre consulta e manuseio dos headbangers interessados.

4. PROPOSIÇÃO DO ROTEIRO HEADBANGER

O roteiro elaborado conforme as diretrizes da figura 1 sugere sete pontos principais para visitação complementados por mais quatro locais de shows. Este tópico apresentará cada um dos locais, respeitando a ordem sugerida pelo roteiro, elencados no quadro 2.

O ponto de partida inicia-se pela loja Cogumelo, no Centro, antigo reduto de encontro dos headbangers belo-horizontinos que completou 40 anos de história em 2023. Praticamente toda pesquisa que estuda o Heavy Metal de BH cita em algum momento a referida loja. Foi a Cogumelo, também estabelecida como selo musical, a responsável por gravar diversas bandas da cidade, muitas delas ícones do Heavy Metal nacional e mundial no pioneiro trato de temáticas totalmente evitadas pela sociedade mineira ou pela própria MPB (Música Popular Brasileira) como um todo, a exemplo da “misanthropia, conjecturas metafísicas, fenômenos sobrenaturais, paganismo, ocultismo, sexo explícito, doenças mentais, escatologia, suicídio, morte” (Catálogo Cogumelo, p. 12, 2023). A importância do local para a cena revela-se tanto na dimensão espacial, pois conforme Nascimento, Calaça, Diniz e Calvo (2020), ratificados por Correa e Carvalho (2022), era um ponto medular da cena nos anos 1980 onde headbangers combinavam idas para outros locais da cidade, como também da anunciação sonora das especificidades musicais do Heavy Metal belo-horizontino, como visto em Monteiro (2015, p. 52) associando características da mineiridade com a produção fonográfica dos headbangers locais. Calaça (2021, p. 113) alerta que inicialmente a loja tinha seu logradouro na Avenida Augusto de Lima, nº 399, onde os adeptos da cena aglutinavam-se na porta, entretanto, o local foi alterado em meados dos anos 2000 para a Galeria Mix Shopping, na esquina da Avenida Augusto de Lima com a Rua São Paulo, a dois quarteirões do endereço original. Assim, pode-se visitar a loja em pleno funcionamento (local 1) e, andando poucos metros, conhecer o antigo logradouro que deu gênese ao Heavy Metal

de Belo Horizonte (local 1a). No endereço atual, com certa periodicidade, ocorre ainda a Feira do Vinil, com participação da Cogumelo e outros lojistas do prédio.

Caminhando pela Rua Rio de Janeiro, ainda na seara das lojas, há o Túnel do Rock e a Galeria da Praça Sete (Galeria do Rock), locais 2 e 3 respectivamente. O Túnel é, dentre as lojas sugeridas, a mais recente na vendagem de itens headbangers, onde encontram-se centenas de estampas de camisas diferentes de bandas de rock/metal e acessórios de todo o tipo (braceletes, bandanas, *patches*, *bottons*, dentre outros). Sua fachada, no nível da rua, é fácil de ser identificada, muitas vezes assustando transeuntes desavisados que não integram a cultura headbanger. Já a Galeria foi um dos pontos mais importantes para a cena ao longo dos anos 2000 pois abrigava muitas lojas do segmento rock/metal, as quais divulgavam as bandas locais na vendagem de suas demos e produziam shows na cidade, firmando-se como ponto de encontro headbanger.

Como o próprio nome diz, é um lugar de exposição de várias lojas, fundada em 1962, passando a acolher fartas lojas voltadas ao Rock'n'Roll a partir dos anos 1980, lembrando a configuração do prédio homônimo localizado em São Paulo - SP. Aos poucos, o local foi cedendo seu espaço para outros circuitos da cidade (rappers, skatistas, funkeiros, etc). (...) Nos anos 1980 duas lojas destacavam-se na vendagem de discos de Heavy Metal, a All Wave e a Câmbio Negro, seguidas por outras lojas do segmento rock/headbanger nos anos 1990, proporcionando uma abrangência de produtos conforme os subgêneros do Metal, alguns encontrados somente em uma loja específica. Purple Records, Entre Rock, Andrômeda, 53 HC, Powerslave, Killers, Autópsia, Point Rock, Avalon, Cripta, Patti Songs, entre outras lojas fizeram da Galeria do Rock belo-horizontina um dos lugares mais importantes da cena nas décadas de 1990 e 2000, em alguns períodos sendo mais catalisadora de público do que a própria Cogumelo, com a vantagem de possuir uma maior variedade de artigos. (Calaça, 2021, p. 156)

Mesmo a Galeria do Rock não vivendo mais o seu apogeu no presente, ainda há lojas importantes para os headbangers em pleno funcionamento, sobretudo no terceiro andar onde seguem firmes a Purple Records, Powerslave, Planet Rock, dentre outras, além de estúdios de tatuagem que também afinizam-se com o gênero musical. Rodrigues (2023a, p. 171) lembra que a ida na Galeria serve tanto para “comprar materiais de bandas de rock pesado” quanto para encontrar-se com amigos para “socializarem nos bares e restaurantes que existem ali”, um deles, lembrados por Calaça (2021), é o Fórmula I.

Situado no coração da metrópole mineira, no entroncamento das avenidas Amazonas e Afonso Pena, está o ícone “Pirulito” da Praça de Setembro, chamada localmente somente por Praça Sete (local 4). Trata-se de um monumento vertical recebido por Belo Horizonte do município vizinho, Betim, em 1922 e inaugurado em 1924, realocado algumas vezes até firmar-se no mesmo endereço original, onde encontra-se

hoje. O obelisco centenário, enquanto marco urbano de Belo Horizonte, lembra o Jornal Estado de Minas (2021), “já foi impiedosamente pixado, teve gente acorrentada à sua base em ato de protesto, ganhou camisinha gigante em campanha contra a AIDS, testemunhou centenas de manifestações políticas” sendo uma referência importante para os belo-horizontinos. Abriga ainda festejos populares, como as comemorações das torcidas dos clubes de futebol da capital mineira frente a conquistas esportivas de relevo. Assim, permeado de simbolismo para os belo-horizontinos, munido também da proximidade com a Galeria, a paisagem sonora da Praça Sete é explorada em algumas capas de álbuns de bandas de Heavy Metal, evidenciando o obelisco em meio a cenários caóticos. São exemplos: a coletânea “*BH Caos*” (2014) que reuniu bandas de Heavy Metal e Punk, evidenciando o obelisco pixado com vários atores sociais do mundo em sua volta, alguns deles controversos conforme a ilustração (e.g.: políticos, banqueiros, religiosos, dentre outros); o “*Extinction*” da banda Colt.45, detalhando iconograficamente as letras das músicas presentes no álbum, apresentando o cataclisma da extinção humana a partir do olhar local, salientando figuras em estado de dor, aflição, desespero e, em destaque, suicídio; e o *single* “*Guerreiros Noturnos*” da banda Barril de Pólvora, retratando o obelisco controlado por soldados caveirísticos em metáfora aos headbangers que percorrem a cidade na penumbra da noite.

Direcionando-se para a Praça da Estação, ao longo da Rua Aarão Reis sob o Viaduto Santa Tereza, está um dos locais mais importantes para todo o underground belo-horizontino, marcado por múltiplas territorialidades. O local 5 é uma emblemática parte do Hipercentro da cidade, em sua área mais baixa, onde antigamente havia o setor fabril de BH, espaço requalificado ao longo das décadas. Na Rua Aarão Reis, que leva até o nível inferior do viaduto, encontra-se a maior densidade de pixações em Belo Horizonte (FERREIRA, 2019), sendo uma área de forte expressão visual e sonora para manifestações artísticas autônomas, com destaque para o *Hip-Hop* com o *Duelo de MCs* (SILVA, 2021). Todavia, o palco alocado sob o viaduto também é receptáculo de variados eventos de Heavy Metal, Punk, dentre outros gêneros musicais vivenciados na urbe. Rodrigues (2023, p. 407) infere que “aparelhos públicos como ruas, avenidas, praças, parques e outros lugares pouco convencionais como debaixo do Viaduto Santa Tereza” atuam como potencializadores da “socialidade dos diversos grupos sociais que compõem o tecido urbano, no qual, o contexto citadino se apresenta como espaço para construção e vivência da memória coletiva das diversas tribos e grupos”.

Saindo dos limites do perímetro central e chegando ao bairro Bonfim, encontra-se o local 6 e a paisagem sonora mais importante do Heavy Metal nacional. No Cemitério do Bonfim encontra-se o sepulcro imortalizado pela banda Sarcófago em seu disco *I.N.R.I.* (1986), aclamado internacionalmente por causa do seu som visceral com bases sonoras para os subgêneros *Death* e *Black Metal*, também exaltado pela capa com a performance visual dos membros da banda propagando o *corpse paint* (pintura facial policromática de preto e branco) e outros adereços identitários do Metal Extremo, descritos por Coelho (2014, p. 69) como “roupas em couro preto, com apetrechos militares, cruzes invertidas nas mãos como forma de contestar o cristianismo, cabelos longos, com certa semelhança de um deles com o estilo punk”. Recorrentemente, o local que serviu de plano de fundo para a aparição da banda em seu primeiro *full-length* é visitado por pessoas de todo o mundo, ávidas por replicarem a foto do álbum, pois como revela Coelho (2020, p. 96) “o lugar virou cenário importante nesse circuito cultural e histórico do heavy metal”. Porém, o Sarcófago não foi a única banda belo-horizontina a valer-se da paisagem lúgubre do cemitério, havendo fotos de vários outros grupos por lá, como da banda Holocausto, e ilustrações de outras produções da cena. Neste âmbito destaca-se o Preceptor, com seu *EP* “*Missiva Apocalíptica*” (2010) e a banda que assumiu para si toda a atmosfera que emana do Cemitério do Bonfim, o Impurity, com letras blasfemas e amplo simbolismo com o local de sepultamento mais antigo de Belo Horizonte. Dentre os trabalhos do Impurity mencionam-se o “*Necro Infamists of Tumulus Return*” (2006) e o ícone “*Bonfim Moritvri Mortivis*” (2012) que leva o mesmo título dos dizeres da entrada do cemitério, significando algo como “dos que vão morrer aos mortos”, além de conter várias fotografias da banda no cemitério.

Partindo para o encerramento do roteiro, o local 7 refere-se à Praça Duque de Caxias, conhecida por Praça Santa Tereza, onde encontram-se vários equipamentos de interesse para a cena headbanger. Há o Cine Santa Tereza, outrora local de show nas décadas de 1980 e 1990 e que abriga eventualmente a Mostra Metal em Minas, evento que se propõe a pensar o Heavy Metal a partir de múltiplos olhares promovendo palestras, debates, oficinas, exposições artísticas e exibição de clipes de bandas belo-horizontinas, tendo ocorrido quatro edições com a organização de Casito Luz (baixista e vocalista da banda Witchhammer). A praça abriga ainda uma paisagem importante, registrada no *split* “*Nationunderground Forces*” (2021) das bandas Lou Cyfer e Bhell, a Paróquia Santa Teresa e Santa Teresinha, retratada em chamadas na capa enquanto

ergue-se uma figura diabólica empunhando a bandeira do Estado de Minas Gerais. Nas palavras do autor da arte:

Tencionei fazer algo naqueles moldes primordiais da década de 80, para resgatar o verdadeiro espírito da essência underground das velhas épocas, que foi o berço da referência nacional e internacional. Enfim, um legado que jamais poderá ser esquecido. (...) Trata-se de uma igreja sediada em um bairro belo-horizontino, que embora esteja repleto de excelentes restaurantes, bares e casas de repasto, ainda assim reza na cartilha do provincianismo e conservadorismo local, característicos de boa parte dessa população que parece nunca desvencilhar de determinados hábitos e atrasos culturais retrógrados. (SETH, 2021).

A própria praça abrigou shows das bandas locais nos idos dos anos 1980. Mas o seu maior atrativo está em seu significado para a banda de maior renome do Metal brasileiro, o Sepultura, que transitava corriqueiramente por ali no começo de sua jornada, tendo em vista que os irmãos fundadores Max (guitarra/vocais) e Igor Cavalera (bateria) moravam a poucos quarteirões da praça, assim como Paulo Jr. (baixista). Em concordância com Avelar (2011), é de grande expressividade o Sepultura ser do mesmo bairro boêmio que o Clube da Esquina, pois a sonoridade extrema da banda seria uma subversão da elitização da MPB, onde jovens já não viam-se representados pelo gênero que havia se aliado aos desígnios da Nova República:

Não por acaso, o ataque violento à iconografia católica é a pedra de toque do heavy metal que se articulava no mesmo Santa Tereza em que havia surgido, quinze anos antes, o Clube da Esquina. Enganaram-se os que viram no satanismo do primeiro Sepultura uma mera cópia de Slayer. A resposta à pesada herança cristã de Minas Gerais era nítida. Enquanto a música de Milton havia se apropriado de símbolos de caridade e fraternidade, dotando-lhes de um sentido político e emancipatório (processo que culmina em Sentinela e Missa dos Quilombos), o heavy metal mergulharia na iconografia católica para articular não uma reapropriação, mas uma estratégia de radical negação, inversão e esvaziamento de seus conteúdos. Ao contrário de Milton, o metal não distinguia uma mensagem recuperável na religiosidade mineira. Cancelava-a através de um uso descontextualizador, que esvaziava seu aparato simbólico. As cruzes invertidas, as alusões satânicas e a obsessão escatológica negavam aquilo que a música de Milton ficou famosa por expressar: a esperança de que por trás do universo religioso, tradicional e conservador do catolicismo mineiro residisse um núcleo emancipatório e fraternal de compaixão politicamente disponível. O metal em Minas emerge não como cópia do satanismo de bandas européias e americanas, mas como negação dessa disponibilidade. (Avelar, 2011, p. 3-4)

Endossa a análise de Avelar (2011) a proposição de Alecrim (2021) situando os discos do Sepultura produzidos no Brasil como momento de ruptura e continuidade da indústria cultural, onde “o mal surgia não como a destruição, mas sim enquanto resistência à padronização da experiência estética” (Alecrim, 2021, p. 4), entrando em choque com o catolicismo mineiro. Com o Sepultura internacionalizado, Janotti Jr (2014) apresenta como a banda assumiu discursos políticos mais abrangentes nas composições,

como a canção “*Territory*” do álbum “*Chaos A.D.*” com videoclipe filmado na Palestina, alicerçando uma série de trânsitos na configuração da cena enquanto produto da dialética local/global, expandindo sonoramente as fronteiras do Heavy Metal belo-horizontino. Dentre os locais de passagem do Sepultura na Praça Duque de Caxias está o Bar do Bolão, local que preserva emoldurado alguns trabalhos da banda. Sugere-se este ou algum dos demais bares da praça para o desfecho do roteiro headbanger, exceto se houver algum show marcado para a noite de visitaçã...

Devido o foco de gerar um roteiro abreviado, passível de ser concretizado em um dia, muitos locais e áreas importantes da cena Heavy Metal belo-horizontina não foram alocados no trajeto, como a área boêmia de bares da Savassi lembrada por Calaça, Nascimento e Diniz (2018), a região do Barreiro enfatizada por Coelho (2020) ou os tradicionais bairros do vetor norte da cidade que emanaram várias bandas, como o Tupi e Floramar citados por Rodrigues (2022). O roteiro, frisa-se, é extremamente sintético perante os variados territórios e paisagens headbaggers da cidade.

As apresentações autorais do underground belo-horizontino, conforme levantamento dos cartazes de shows, ocorrem predominantemente em quatro casas específicas da cidade: A - Novo Matriz; B - Área 51; C - Caverna Rock Pub; e D - Mister Rock. Infere-se que estes locais mais atuantes são mutáveis, considerando, conforme Calaça (2023), que os locais de shows se valem de contínua desterritorialização e reterritorialização, mudando suas referências espaciais ao longo dos anos. Ou seja, passados alguns anos da publicação do artigo, outros logradouros podem ser mais atuantes na realização das apresentações de Heavy Metal. Cada casa é descrita adiante, como proposta complementar ao roteiro construído.

O Novo Matriz diz respeito ao novo *point* cultural da cidade organizado por Edmundo e Andrea, casal que fortalece o underground belo-horizontino há décadas, tendo disponibilizado para a cena locais como o Calabouço, Butecário e o Caverna, antes de terem o Matriz Casa Cultural no Edifício JK, local responsável pela iniciação de muitas pessoas na cultura headbanger. Com a pandemia de COVID-19 e o impedimento de realização de eventos, o Matriz acabou sendo fechado no endereço que estava há mais de vinte anos. Felizmente, foi reaberto em novo logradouro, a algumas quadras do antigo endereço, mantendo sua vocação para as múltiplas culturas urbanas de BH, não restringindo-se ao Metal.

Outra casa de show mais recente, e bem mais rústica, é a Área 51. Situada no Barro Preto, na Av. do Contorno, a casa possui inclinação mais latente ao rock, abrigando

eventos recentes de sonoridade extrema, como bandas de Black e Death Metal. O lugar é pintado de preto e adornado com referências à ufologia e ovniologia, como sugere o próprio nome, criando uma atmosfera sombria para receber góticos, roqueiros e, cada vez mais, headbangers em eventos bastante intimistas.

Os dois últimos locais de shows mencionados no quadro 2 referem-se a espaços organizados pelo empresário Lucélio. Este, investiu numa boa estrutura para receber shows diversificados, como vem ocorrendo no Mister Rock, situado no bairro Prado, na Via Expressa, não muito distante do Área 51. O local, que é uma espécie de galpão situado às margens do Viaduto Itamar Franco, é todo pintado de preto por fora e por dentro, contando com espaço amplo e um palco grande. A princípio, o Mister Rock era cenário das bandas covers, aos poucos abrindo espaço para o underground. Foram construídos mecânicos, que servem como camarotes, havendo também shows de renomadas bandas nacionais e internacionais do segmento rock/metal. O Caverna Rock Pub é a sucessão de outro famoso pub belo-horizontino que fechou, o Stonehenge, localizado na Rua dos Tupis, Barro Preto. Trata-se de uma casa, no sentido arquitetônico, adaptada para abrigar shows de Heavy Metal e correlatos, sendo o palco e os bares os mesmos da época do Stonehenge, mudando a decoração com a adoção de uma estética terrorífica e com algumas melhorias na infraestrutura.

Quadro 2 – Locais que compõem a rota turística proposta para a cena headbanger belo-horizontina, 2023.

Local escolhido	Tipologia do local	Território e Paisagem Sonora Headbanger	Descrição
1 - Cogumelo (atual)	Loja/selo		Localização atual da Cogumelo Records, onde é possível adquirir vinis, CDs e, com sorte, encontrar os fundadores Pat e João. Fica no segundo andar do Mix Shopping, onde também acontece com certa periodicidade uma feira de vinis.

<p>1a - Cogumelo (antiga)</p>	<p>Loja/selo (fechada)</p> <p>Fotos: Pat Pereira, Facebook, 2020.</p>			<p>Local da antiga loja Cogumelo, sendo apenas um ponto de contemplação, considerando que a fachada original foi substituída pelos comércios que vieram após a Cogumelo.</p>
<p>2 - Túnel do Rock</p>	<p>Loja de adornos</p>			<p>É a loja de artigos headbangers mais recente dentre as dispostas no roteiro, onde encontra-se principalmente camisas e acessórios.</p>
<p>3 - Galeria da Praça Sete</p>	<p>Lojas de adornos e estúdios de tatuagem</p>			<p>Foi um dos pontos mais efervescentes da cena belo-horizontina. Hoje resistem algumas lojas voltadas ao Heavy Metal no terceiro andar, além de estúdios de tatuagem.</p>
<p><i>Continua na próxima página</i></p>				
<p>4 - Praça Sete de Setembro</p>	<p>Monumento (obelisco)</p>			<p>Ícone que marca o coração da metrópole belo-horizontina, no cruzamento das avenidas Afonso Pena e Amazonas. O local está registrado em</p>

			<p>discografias de bandas locais e pode ser contemplado facilmente por transeuntes.</p>
<p>5 - Rua Aarão Reis e Viaduto Santa Tereza</p>	<p>Local de shows; Painel de pixações</p>		<p>Área emblemática do underground, onde já ocorreram diversos eventos de Heavy Metal e de outras culturas urbanas, abaixo do Viaduto. Ao longo da Rua Aarão Reis estão os quarteirões mais pixados da cidade.</p>
<p>6 - Cemitério do Bonfim</p>	<p>Monumento (sepulcros)</p>		<p>Paisagem lúgubre adotada por diversas bandas belo-horizontinas e que ficou marcada no imaginário do underground mundial a partir do disco I.N.R.I. da banda Sarcófago. É possível conhecer o mesmo sepulcro usado como cenário pela banda no disco de 1987. Além disto, o cemitério integra o Patrimônio Arquitetônico de Belo Horizonte.</p>

<p>7 - Praça Duque de Caxias</p>	<p>Praça com vários atrativos: Monumento (igreja); locais de shows dos anos 1980 e 1990; Bares e restaurantes</p>	 	<p>Reúne uma série de atrativos: antigos locais de shows como o coreto e o Cine Santa Tereza (que hoje abriga a Mostra Metal em Minas); A Paróquia S. Teresa e S. Teresinha, imortalizadas no <i>split</i> das bandas Bhell e LouCyfer; E o Bolão, bar que era frequentado pelos garotos do Sepultura, que residiam a poucos quarteirões dali.</p>
<p>A - Novo Matriz</p>	<p>Local de shows atualmente</p>		<p>Os quatro locais de shows selecionados referem-se aos pontos que mais houveram eventos entre janeiro e setembro de 2023 (ano de levantamento dos dados do artigo). Porém, como a mudança de centralidade desta atividade é constante, outros logradouros</p>
<p>B - Área 51</p>	<p>Local de shows atualmente</p>		<p>Os quatro locais de shows selecionados referem-se aos pontos que mais houveram eventos entre janeiro e setembro de 2023 (ano de levantamento dos dados do artigo). Porém, como a mudança de centralidade desta atividade é constante, outros logradouros</p>
<p>C - Caverna Rock Pub</p>	<p>Local de shows atualmente</p>		<p>Os quatro locais de shows selecionados referem-se aos pontos que mais houveram eventos entre janeiro e setembro de 2023 (ano de levantamento dos dados do artigo). Porém, como a mudança de centralidade desta atividade é constante, outros logradouros</p>

<p>D - Mister Rock</p>	<p>Local de shows atualmente</p>		<p>podem surgir no futuro.</p>
------------------------	----------------------------------	--	--------------------------------

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Outros locais recebem shows habitualmente na cidade, sendo os quatro descritos uma abreviação do que se dispõe na cena hoje. Merecem menção em sua estima ao Heavy Metal o Rockin Bear no bairro Gutierrez e A Autêntica na Savassi, além de vários pubs que atendem o Metal, mas que possuem aptidão mais evidente ao público *mainstream* de bandas covers. Estes cenários, o cover de bandas renomadas e o autoral underground, coexistem na cidade, havendo no segundo um número menor de pessoas, porém, com frequentadores fiéis, que acompanham as bandas da cidade independente do local de apresentação.

5. PRATICABILIDADE DO ROTEIRO E O SEU COMPARTILHAMENTO

Definidos os locais da rota turística com respaldo da revisão bibliográfica discutida anteriormente e das consultas de discos e locais de shows, foi empenhado um trabalho de campo para verificação da viabilidade de sua implementação. Com a confirmação da exequibilidade do trajeto, foi desenvolvida a aplicação de *webgis* simplificado no *Google My Maps* (figura 2) para compartilhamento da rota. A aplicação consiste em pontos que marcam os locais de visitação, representados por ícones pretos de cifras musicais para os sete logradouros principais e ícones vermelhos característicos para cada casa de eventos. Ao acessar a aplica o pelo *QR code* da figura 3, o usuário pode obter informa es textuais e gráficas de cada logradouro, com imagens descritivas das fachadas dos locais, as capas de discos que ressignificam a paisagem e os cartazes de alguns shows. Tem-se assim a geovisualiza o aplicada, garantindo as vantagens do manuseio dos mapas digitais. A aplica o, como orienta a figura 2, pode ser indexada a *sites*, ao *Google Earth* e ser aberta no *Google Maps* para celular. Apesar da imersão em ambiente virtual que permite a visita o remota aos atrativos, a proposta da geovisualiza o vai de encontro a uma facilita o para o exercício do turismo *in loco*, pois somente assim a experimenta o dos territórios e paisagens sonoras serão completos na visita o às lojas, túmulos, dentre outros locais.

Complementa a aplicação a conexão propiciada pela linha do metrô, entre as estações Carlos Prates e Santa Teresa, somada a trajetos em azul dispostos sobre a base de dados do *Google Maps*. Estas linhas conectam cada ponto do trajeto, tornando-o totalmente integrado por caminhadas curtas e pelo transporte público.

Uma vez que o transporte coletivo de Belo Horizonte (especificamente ônibus municipais e metrô) tem horários de funcionamento diferentes para dias úteis e fim de semana, os roteiros propostos levam em consideração a disponibilidade de transporte no sábado. Tal escolha é justificada pelo alinhamento entre uma oferta razoável de transporte e o fluxo de pessoas e atrações (no caso de casas de shows) nos locais de interesse. Para o deslocamento entre os pontos propostos, além do metrô, apenas linhas de ônibus que operam dentro dos limites de Belo Horizonte são sugeridas. A seguir são detalhadas as características do deslocamento entre os pontos. Como referência, o sentido do roteiro leva em consideração a sequência exposta no Quadro 2.

- De Cogumelo Atual para a Antiga Cogumelo: caminhada de cerca de 3 minutos, sendo os dois locais separados por uma distância de aproximadamente 140 metros;
- De Antiga Cogumelo para o Túnel do Rock: saindo da Avenida Augusto de Lima e seguindo a Rua Rio de Janeiro por cerca de 270 metros, o trajeto pode ser realizado em 4 minutos de caminhada;
- De Túnel do Rock para a Galeria da Praça Sete: ainda na Rua Rio de Janeiro, basta caminhar 240 metros para chegar ao próximo destino. O tempo de deslocamento é de 3 minutos;
- De Galeria da Praça Sete para o Obelisco da Praça Sete: aqui está a menor distância entre dois pontos de interesse. Andando pouco menos de 100 metros é possível visualizar o obelisco;
- De Obelisco da Praça Sete para Viaduto Santa Tereza e Rua Aarão Reis: basta atravessar a Avenida Afonso Pena e seguir direto pela Rua dos Carijós durante 450 metros que o próximo destino é encontrado. O tempo de caminhada chega a 7 minutos. Saindo do Viaduto ainda é possível percorrer a Rua Aarão Reis da maneira mais conveniente que o visitante escolher.
- De Viaduto Santa Tereza e Rua Aarão Reis para Cemitério do Bonfim: por tratar-se de uma distância mais longa para o trajeto a pé, recomenda-se o uso do transporte coletivo ou aplicativo de mobilidade (e.g.: *Uber*, *99 Taxi*, *In Drive*). Saindo do Viaduto Santa Tereza e caminhando 240 metros até a Avenida dos Andradas, 391, existem algumas opções de transporte para o deslocamento.
 - 1ª Opção: aguardar pelas linhas de ônibus *3302A Nova Pampulha* ou *3302B Trevo*, realizar o embarque e viajar até a Avenida Dom Pedro II, 540 (5

paradas). Ao desembarcar, virar à direita na Rua Arceburgo e caminhar por 600 metros até o Cemitério. O tempo total estimado é de 18 minutos, sendo 8 minutos dentro do ônibus e 10 minutos caminhando (primeiro até o ponto e depois até o Cemitério).

- 2ª Opção: aguardar pelas linhas de ônibus *9404 Nova Esperança*, *3302A Nova Pampulha* ou *3302B Trevo*, realizar o embarque e viajar até a Avenida Dom Pedro II, 1520 (7 paradas). Ao desembarcar, seguir na direção sudeste na Av. Dom Pedro II em direção à Rua Dalva. Virar à esquerda na Rua Dalva e depois à direita na Rua Jaguari. Trata-se da portaria secundária do Cemitério do Bonfim. O tempo total estimado é de 12 minutos, sendo 5 minutos dentro do ônibus e 7 minutos caminhando (primeiro até o ponto e depois até o Cemitério).
- De Cemitério do Bonfim para Praça Duque de Caxias: por fim, o deslocamento final também exige o auxílio do transporte coletivo ou aplicativo de mobilidade para ser feito. São listadas duas principais opções, uma com ônibus e a outra com metrô:
 - 1ª Opção (ônibus): sair do Cemitério pela portaria secundária e caminhar até a Rua Jaguari, 133. Aguardar pela linha de ônibus *9415 Bonfim*, realizar o embarque e viajar até a Avenida dos Andradas, 3500 (15 paradas). Realizar a travessia da Avenida dos Andradas com o auxílio da passarela de pedestres e andar por 750 metros até a Praça Duque de Caxias. O tempo total estimado é de 30 minutos, sendo 13 minutos dentro do ônibus e 17 minutos caminhando (primeiro até o ponto e depois até a Praça).
 - 2ª Opção: sair do Cemitério pela portaria secundária e caminhar por 950 metros até a Estação de Metrô Carlos Prates. O deslocamento passa pelas ruas Jaguari, Dalva, Avenida Dom Pedro II, Tremedal e Avenida Nossa Senhora de Fátima. Realizar o embarque na plataforma com sentido Vilarinho. Viajar por 3 paradas (Lagoinha, Central, Santa Efigênia) e descer na quarta, a Estação Santa Teresa. Optar pela saída da Rua Mármore, que desemboca na Praça Duque de Caxias. O tempo total estimado é de 46 minutos, sendo 10 minutos aguardando o metrô, 13 minutos dentro do mesmo e 23 minutos caminhando (primeiro até a estação e depois até a Praça).

Ressalta-se que o tempo de espera em deslocamentos que usam o transporte coletivo podem sofrer variações de acordo com a hora e o dia em que se deseja realizar o trajeto. O valor tarifário atual dos ônibus do sistema BHBUS é de R\$5,25, enquanto o metrô é R\$5,30. Além disto, pode-se usar o aplicativo *SIU Mobile* com o monitoramento dos ônibus em tempo real, com itinerários e previsões de chegada aos pontos.

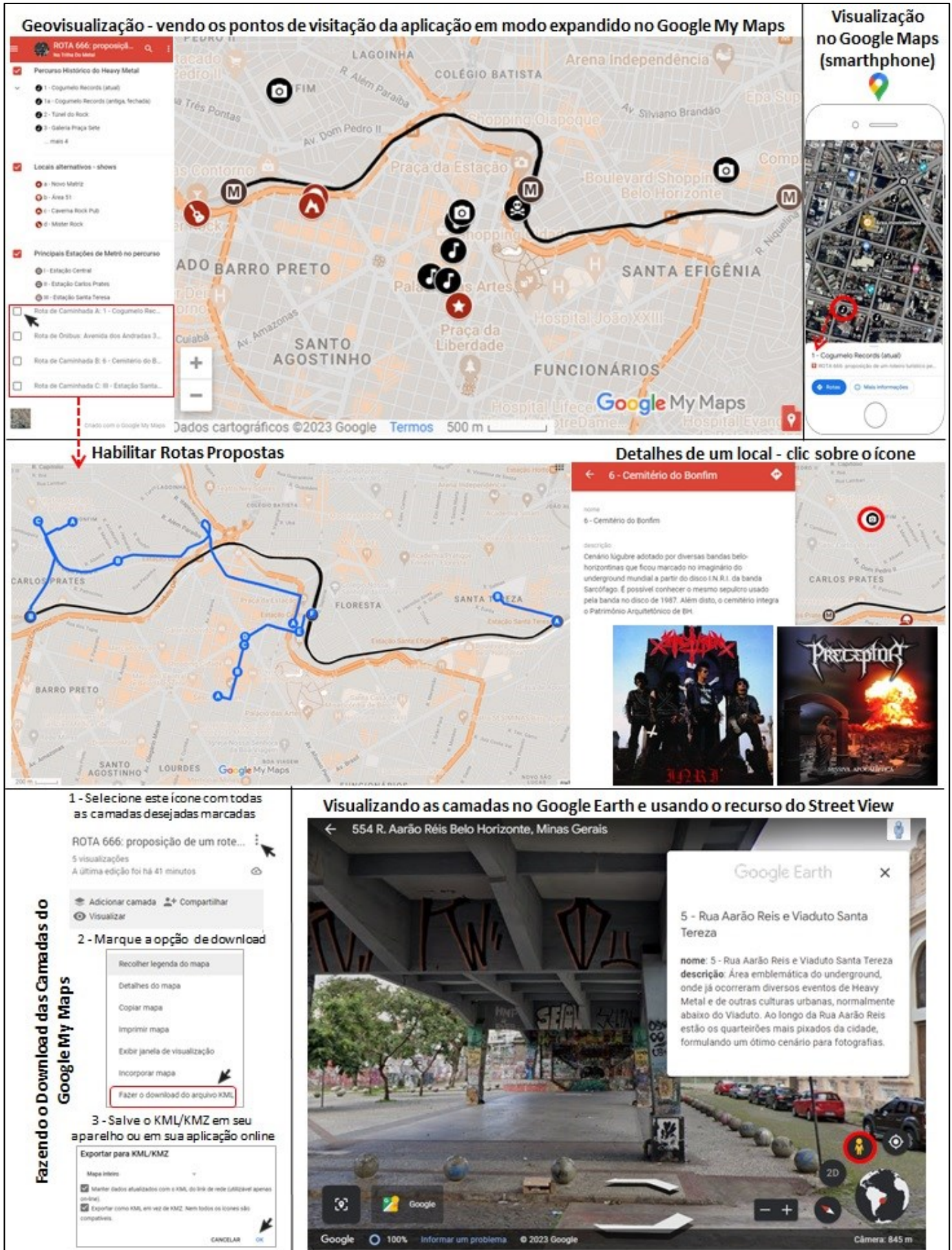


Figura 2 - Rota 66: geovisualização do roteiro turístico do Heavy Metal belo-horizontino.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2023.



Figura 3 - Acesso ao roteiro turístico do Heavy Metal belo-horizontino, 2023.

Fonte: https://www.google.com/maps/d/edit?mid=1hRTzEZ57X_P0iz_6lFWPOnjSD94j9A&usp=sharing

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou, em um exercício exploratório e pioneiro, propor um roteiro turístico pela cena Heavy Metal de Belo Horizonte, tida por muitos como a capital headbanger do Brasil, aliando seus territórios e paisagens sonoras do presente e do passado. A relevância cultural da cena pode ser apreendida pela própria quantidade de pesquisas que a analisam. Viu-se, no levantamento dos estudos sobre a cena local, que Belo Horizonte possui dezenas de locais de relevo para a memória headbanger, articulando diversas práticas musicais. Os territórios qualificam-se como a apropriação do espaço urbano feita por este grupo, muitas vezes estigmatizado e marginalizado no município, mas que projeta o nome da cidade para todo o mundo. A ativa criação de múltiplos territórios, como espaços públicos, casas de shows e lojas, mostra como uma cena musical organiza-se internamente, criando seus locais emblemáticos. Neste contexto, surgem as paisagens sonoras, evidenciadas nos estrondos dos shows do underground e, tentando captar a essência musical das composições, nas iconografias das capas de álbuns, muitas vezes fazendo referências aos próprios territórios da cena.

Estima-se que esta pesquisa seja uma forma de contribuir com a divulgação de comércios do segmento, com os atrativos de shows e com a difusão sonora das próprias bandas locais. Frisa-se que, de nenhum modo, não constar no roteiro significa demérito, seja para lojistas, casas de shows ou bandas, pois o roteiro é uma brevidade da complexa rede estruturada pelo Heavy Metal, assim sendo, o roteiro é genérico, com sua grande contribuição valendo-se da anunciação e reconhecimento da cena belo-horizontina, sem a pretensão de cartografar sua totalidade. Aqueles que desejarem realizar o roteiro possuem nesta publicação um respaldo de como fazê-lo, sendo a geovisualização uma importante ferramenta na divulgação dos resultados para além da academia. Sugere-se que durante o percurso sejam observadas questões de segurança com objetos, sobretudo celulares em áreas públicas, pois BH, como qualquer outra metrópole brasileira, não está livre da violência urbana. A estima dos headbangers por locais desprezados da cidade como pontos ermos, pouco iluminados/vigiados exigem que esta atenção seja observada. Entretanto, ao estar entre headbangers, em um evento musical ou nas lojas, o convívio é sempre cordial, amistoso e seguro e, certamente, a cena belo-horizontina receberá com satisfação quem quiser conhecê-la *in loco*.

REFERÊNCIAS

ALDRIGUI, M. Turismo urbano: um olhar para o quase invisível. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, n. 4, p. 131-143, 2017.

ALECRIM, T. Rotting christ, nailed to cross: imagens e referências religiosas na produção fonográfica do sepultura (1984-1986). In: ENCONTRO DE PESQUISAS HISTÓRICAS (EPHIS), 2021, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUC, 2021.

ASHWORTH, G. Urban tourism – still an imbalance in attention? In: COOPER, C (Org.). **Classic Reviews in Tourism**. Clevedon: Channel View Publications, 2003. p. 143-163.

AVELAR, I. De Milton ao metal: política e música em Minas. **Artcultura**, v. 6, n. 9, p. 1-8, 2004.

BH CAOS. Intérpretes: **Bulldogs**: Certo Porcos; Consciência Suburbana; Distúrbio Sub-Humano; DOPS; Estado de Fúria; Fake; Iron Trash; Komando Kaos; Mata Borrão; Offensor; Os Decréptos; Rastros de Ódio; Renegados; Rock de la Rua; Spirit. Belo Horizonte: Sinfonoise Distro Records, 2014.

BONFIM MORITVRI MORTIVIS. Intérprete: **Impurity**. Austin: Nuclear War Now! Productions, 2012. 1 disco vinil (24:24 min.).

CALAÇA, G. Headbangers em cartaz: geovisualizando os territórios de shows e a semiótica dos flyers da cena Heavy Metal de Belo Horizonte nos anos 1980 e 1990. **Revista Verde Grande: Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 5, n. 1, p. 22-48, 2023.

CALAÇA, G.; NASCIMENTO, L.; DINIZ, A. Na trilha do metal: a construção de territorialidades das bandas de Heavy Metal em Belo Horizonte nos anos 1980. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 28, n. 54, p. 650-673, 2018.

CALAÇA, G. **Na trilha do metal**: a construção de territorialidades das bandas de Heavy Metal de Belo Horizonte nos anos 1990 e 2000. 2021. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

COELHO, P. **As identidades dos sujeitos da cena underground heavy metal e punk de Belo Horizonte**. 2020. 211 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagens) - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

COELHO, P. **Batendo cabeças**: educação estética e política tecidas a partir do Heavy Metal. 2014. 94 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

COGUMELO RECORDS. **Catálogo Cogumelo 40 Anos**. Belo Horizonte, 2023. 197p.

CORREA, S.; CARVALHO, D. Metal Criativo: um estudo sobre a Cogumelo sob a ótica dos 3 Ts de Richard Florida. **Almanaque Multidisciplinar de Pesquisa**, v. 9, n. 1, p. 214-223, 2022.

DOZENA, A. (Org). **Geografia e Música**: Diálogos. Natal: EDUFRN, 2016. 399p.

ENCYCLOPAEDIA METALLUM. **The Metal Archives**. Disponível em: <https://www.metal-archives.com/>. Acesso em: 12 set. 2023.

EXTINCTION. Intérprete: **Colt.45**. Belo Horizonte: Independente, 2016. 1 CD (37:13 min.).

FERREIRA, R. **Pixação e percepção geográfica no Hipercentro de Belo Horizonte**. 2019. 167 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

FURLANETTO, B. Paisagem sonora: uma composição geomusical. In: DOZENA, A. (Org). **Geografia e Música**: Diálogos. Natal: EDUFRN, 2016. p. 349-371.

GUERREIROS NOTURNOS. Intérprete: **Barril de Pólvora**. Belo Horizonte: Roadie Metal & Music, 2021. 1 single digital (05:30 min.).

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021. 396p.

HEIDRICH, A. Compartilhamento e microterritorialidades do espaço social metropolitano. **Revista Cidades**, Chapecó, v. 10, n. 17, p. 76-106, 2013.

I.N.R.I. Intérprete: **Sarcófago**. Belo Horizonte: Cogumelo Records, 1987. 1 disco vinil (28:16 min.).

JANOTTI JUNIOR, J. War for Territory: cenas musicais, experiência estética e uma canção heavy metal. **E-Compós**: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Brasília, v. 17, n. 2, p. 1-17, 2014.

KOZINETS, R. **Netnografia**: Realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014. 203p.

LAUDARES, S. **Geotecnologia ao alcance de todos**. 1. ed. Curitiba: Editora Appris, 2014. 83p.

LAW, C. **Urban Tourism**: Attracting Visitors to Large Cities. Londres: Mansell Publishing Ltd., 1993. 192p.

MONTEIRO, G. **O pecado é não sonhar**: reconstruções da rebeldia jovem através do heavy da década de 1980. 2015. 258 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

NASCIMENTO, L. *et al.* Heavy Metal Made in Minas Gerais. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 20, n. 32, p. 180-197, 2020.

NATIONUNDERGROUND FORCES. Intérpretes: **Loucyfer**; Bhell. Belo Horizonte: WarCore Records, 2021. 1 CD.

NECRO INFAMISTS OF TUMULUS RETURN. Intérprete: **Impurity**. Belo Horizonte: Cogumelo Records, 2006. 1 CD (29:54 min.)

PANITZ, L. M. Geografia da música: um balanço de trinta anos de pesquisas no Brasil. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 50, p. 13-27, 2021.

PEARCE, D. An integrative framework for urban tourism research. **Annals of Tourism Research**, v. 28 n. 4, p. 926-946, 2001.

RAIBAUD, Y. Música e território: o que a Geografia pode dizer a partir da França. **Espaço e Cultura**, n. 50, p. 226-241, 2021.

PAIVA, R. Sobre a relação turismo e urbanização. **PosFAUUSP**, v. 20, n. 33, p. 126-145, 2013.

RODRIGUES, F. A cidade e a memória na construção da espiritualidade não religiosa dos/as roqueiros/as sem religião. **Caminhos**: Revista de Ciências da Religião, v. 21, n. 2, p. 405-429, 2023.

RODRIGUES, F. **O rock e a espiritualidade não religiosa**: estudo sobre os rituais, sociabilidades e cosmovisão de roqueiros e roqueiras sem religião em Belo Horizonte. 2023. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023a.

SCHAFER, M. **A afinação do mundo**: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente - a paisagem sonora. São Paulo: Editora UNESP, 2001. 381p.

SETH, R. **Mais uma capa que elaborei a temática, desenhei e pinte, pois os idealizadores do projeto deram-me a liberdade de criação, além de ter escolhido o nome desse trabalho e gravado o contra baixo e os backing vocals.** Belo Horizonte. 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php>. Acesso em: 20 out. 2023.

SILVA, G. **Sons da Rua: os territórios e territorialidades dos rappers da cena Hip-Hop belo-horizontina na última década (2010-2019s).** 2021. 188 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

SOUZA, M. O território: Sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. **Geografia conceitos e temas.** São Paulo: Bertrand, 1995. p 77-116.

STRAW, W. Scenes and Sensibilities. **E-Compós: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Brasília, v. 6, p. 1-16, 2006.**

TORRES, M.; KOZEL, S. Paisagens sonoras: possíveis caminhos aos estudos culturais em geografia. **Revista RA'EGA, Curitiba, n. 20, p. 123-132, 2010.**

TORRES, M. Os sons da paisagem: entre conceitos, contextos e composições. **Geograficidade, v. 8, n. esp. p. 141-154, 2019.**

VASCONCELLOS, V. A Cena da Rua, a Cena na Rua: um debate sobre o conceito de cena musical a partir do Heavy Metal no Rio de Janeiro. **Espaço Aberto, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 129-141, 2011.**

WERNECK, G.; LIMA, D. Saiba como foi construído o Pirulito da Praça Sete, símbolo de BH. **Jornal Estado de Minas.** Belo Horizonte. 2021. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2021/11/05/interna_gerais,342859/saiba-como-foi-construido-o-pirulito-da-praca-sete-simbolo-de-bh.shtml. Acesso em: 11 set. 2023.

Recebido: 05.12.2023

Aceito: 08.03.2024